

f. S. B.  
SERVIÇO CÍVICO - O QUÊ?

AO SERVIÇO DE QUEM?

NEIP **2**

## EXIJAMOS:

→ ENTRADA DE TODOS NA  
UNIVERSIDADE

ORGANIZEMOS O CONTROLE SOBRE:

→ A SAÍDA ORGANIZADA DOS  
ESTUDANTES DA ESCOLA

### 1. ANO NOVA-VIDA NOVA?

Cumprindo um hábito já velho, aproveitou o MEC as férias de Natal para apresentar, desta vez claramente, as suas proposições a respeito do 1º ano, do dito Serviço Cívico e da gestão escolar.

A apresentação das suas posições veio, como não podia deixar de ser, acompanhada de toda a encenação a que também a prática anterior já nos habituava: discursos na televisão, entrevistas na rádio e artigos nos jornais, tentando legitimar-se aos olhos da população aproveitando, mais uma vez, para lançar a imagem dantesca do momento estudantil - "não querem estudar, oportunistas, esquerdistas...."

A "coisa" ficou esclarecida -- "ninguém entra para o 1º ano e, mesmo os que "enfiarem" no Serviço Cívico, não têm a certeza de que no ano seguinte terão lugar na Universidade; espera-os ainda alguma prova de selecção" em novos moldes... "(Claro!)



## 2.-E OS ARGUMENTOS SEGUIRAM-SE...

19) Que não há salas nem professores. SERÁ ASSIM?

É evidente que o próprio sistema apresenta inúmeras deficiências infraestruturais, técnicas e humanas. No entanto elas não são, quanto a nós, o principal. Isto porque:

-em termos técnicos (edifícios e instalações)-gastar-se-á mais dinheiro (23 mil contos mensais-diz-se) no Serviço Cívico, por exemplo, na construção de pavilhões que albergassem os 14000 "offsides".

-em termos humanos (professores)-sendo uma questão de resolução aparentemente mais difícil, ela deixa de o ser, já que o que está em causa é o tipo de ensino: se se dá capacidade de autonomia e criação à juventude estudantil, se se estruturar uma saída organizada de todos os estudantes de todos os anos o número de docentes não é necessariamente o mesmo do que se optar por um controle burocrático-técnico-ideológico dessa mesma juventude.

Não negando, de qualquer forma, os problemas técnicos, parece-nos que o limite de entrada na Universidade é uma questão iminente-política, que diz respeito à própria natureza da Universidade e do sistema em que se insere. Vejamos como:

Em capitalismo a Universidade sempre foi, e será, uma máquina do sistema destinada a produzir os quadros técnicos de enquadramento e gestão das empresas. Sempre foi, e será, o local onde se difunde e reproduz a visão, o bom senso e "maneira de estar no mundo" da burguesia, sempre foi, enfim, um gigantesco mecanismo de agressão ideológica às classes trabalhadoras e aos seus interesses.

Daí que a Universidade, mais do que um local onde se vai aprender, tenha sempre aparecido aos olhos de toda a gente como local onde se vai promover, "arranjar um tacho".

E é a partir daqui que poderemos compreender o que representou o enorme afluxo de estudantes à Universidade: por um lado, a necessidade de mais técnicos para o próprio processo produtivo e, por outro lado, uma tentativa das classes dominantes captarem para a sua política as chamadas "camadas médias", através do "rebuçado" da promoção pela entrada na Universidade. Isto é uma perfeita ilusão. PORQUÊ?

Porque estas classes foram-se habituando à ideia de que se arranjassem um canudo "todos os seus problemas estariam resolvidos"; porém se a Universidade for "aberta" e "toda a gente" tirar um canudo, isto deixa de ser um passaporte para uma situação de privilégio - surge uma crise de desvalorização - uma crise de desemprego dos diplomados. E isto porque a situação de privilégio em que se encontra a grande maioria dos actuais diplomados, é resultante não do seu canudo, mas das funções que exercem - fiel defesa do sistema de exploração capitalista. Só a força do Movimento Estudantil e as características próprias da juventude fizeram com este processo vários "rombos".

É a partir desta análise que voltamos a afirmar - o limite de entradas é um fenómeno eminentemente político. Como?

1º Por um lado pretende-se reverter a Universidade em termos que permitam a formação "pacífica" de quadros adestrados à era da reconstrução nacional (capitalista), que saiam das escolas "bem preparados técnica e ideologicamente", o que é manifestamente impossível com a explosão de 28mil almas num momento de politização e radicalização crescente da juventude, num momento de aguda crise social.

2º Por outro lado, o "25 de Abril" criou nas tais camadas médias enormes esperanças de promoção social, às quais o próprio sistema se mostra incapaz de responder. E o que iria acontecer se entrassem este ano 28 mil, no próximo trinta e tal mil...??? Acontecia que daqui a quatro ou cinco anos tínhamos a tal crise de diplomados, que já existe, mas que seria avolumada "tragicamente". Teríamos milhares e milhares de estudantes desempregados, a olhar para os cinco anos passados e a aperceberem-se do "tempo perdido". Teríamos uma crise que tanto podia ser aproveitada por forças de direita (apelando para objectivos pequeno-burgueses) como perspectivada em termos anti-capitalistas, criando a consciência generalizada que a crise da Universidade é, cada vez mais, a crise do sistema.

Só a partir desta análise se pode perceber porque é que o reformismo, arauto das reformas Gerais e Democráticas, das "Universidades para todos", é agora o primeiro a lutar por um limite de entrada nas escolas, por uma Reforma não tão "Geral" nem tão "Democrática"

O SERVIÇO CÍVICO NÃO É, POIS, UMA QUESTÃO TÉCNICA - É UMA QUESTÃO POLÍTICA! Ao serviço de quem???



29) Diz-se que esperando um ano, é a única forma de pôr a Universidade a funcionar, a formar verdadeiros técnicos para a reconstrução nacional e não parasitas! SERÁ ASSIM?

Se por reconstrução nacional entendemos a manutenção do sistema capitalista, a maximização dos lucros das grandes empresas, o colocar as classes trabalhadoras de braço dado com o capital a reconstruir um edifício que não é o seu. ENTÃO SIM! ENTÃO É VERDADE que todo este processo vai criar esses engenheiros e esses doutores, "bem formados", "bem comportados", a "saberem muito", e não serão "parasitas", não! Serão activos defensores da ordem burguesa, cães de guarda de um sistema que tem os seus dias contados.

39) Que é tempo dos universitários, filhos da burguesia, saberem "no duro" como justa trabalhar, que é uma etapa importantíssima para quebrar a divisão entre trabalho manual e intelectual, que é uma "verdadeira" "unidade estudantil com o povo trabalhador". SERÁ VERDADE?

FALSO!!! Os moldes em que o serviço cívico vai ser lançado, não só não vai quebrar essa divisão como vai reforçá-la - entre os que não entram para o estudo e fazem o serviço cívico e os que ficam nas Universidades a estudar calma e pacificamente! SÓ UMA SAÍDA ORGANIZADA DE TODOS E CONTROLADA POR TODOS PODERÁ CONTRIBUIR PARA UMA LIGAÇÃO EFECTIVA COM A LUTA DOS TRABALHADORES.

3. Recusamos pois, o serviço cívico proposto pelo MEC. Não porque queiramos cuntinuar a ser a tal casta privilegiada, cirurgiões ou charlatões do sistema de exploração do homem pelo homem, mas

porque recusamos opôr-nos aos interesses objectivos dos trabalhadores, porque recusamos a reconversão da escola em termos capitalistas, a formação de novas élites, porque pensamos que a ligação do estudo à prática deve ser programada por nós e feita por todos, do 1º ao 5º (e não programada em gabinetes e IMPOSTA à malta do 1º ano).

4. QUE ALTERNATIVA?

Antes de mais.

1- É importante ter em atenção que reivindicações saídas em processos deste tipo, podem provocar uma reacção de recusa que, mesmo

que aparentemente conduzidas por palavras de ordem progressistas <sup>5</sup> se traduzem num desvio à direita de largos sectores estudantis interessados apenas em ganhar mais privilégios, em desprezar o trabalho manual, em separar-se da luta dos trabalhadores.

2. É fundamental ter em atenção que uma recusa pura e simples do serviço cívico poderá ser isolada e portanto facilmente combatida, pois que a nível de amplos sectores da população, nomeadamente nas classes trabalhadoras, ela poderá ser entendida como uma luta "filho de burguesia que não quer trabalhar".

Defendemos a entrada dos estudantes na Universidade, não porque acreditemos num direito abstracto à cultura e muito menos por pensarmos que uma hipotética transformação destes estudantes em quadros e técnicos ao serviço da exploração capitalista seja uma medida que vá de encontro aos reais interesses das classes trabalhadoras, mas fundamentalmente porque consideramos que a entrada destes estudantes na Universidade implicará necessariamente um conjunto de alterações no ensino que poderão, estas sim, avançar com contributos importantes no sentido da defesa dos interesses dos trabalhadores. E isto se em cada escola os estudantes conseguirem impor uma ligação efectiva do seu estudo à realidade social, na óptica dos problemas que se põem às classes trabalhadoras, não de uma maneira abstracta, no vazio, mas sabendo-se deslocar aos locais concretos onde estes problemas se põem.

Trata-se de facto de neste momento, responder claramente ao MEC e ao Governo:

"Os estudantes não se recusam a sair do ghetto da sua escola!!! recusam sim, a continuar fechados no seu estudo académico, e "desligado" da sociedade e dos seus conflitos: recusam o "serviço cívico" como medida selectiva e racionalizadora da Universidade Burguesa".

A luta de todos os estudantes é neste momento a luta contra o sistema de ensino reaccionário, e repressivo, é a luta pela transformação progressiva e radical deste ensino. Não devemos recusar a saída das escolas sempre que essa saída seja por nós controlada e decidida, sempre que essa saída esteja permanentemente ligado ao nosso trabalho na escola, aos métodos de ensino e às avaliações de conhecimentos e sempre que essa saída seja em permanente contacto com os trabalhadores, a sua situação, as suas lutas e as suas organizações autónomas.

Se é verdade que só colocando os estudantes em contacto directo com os problemas concretos com que as classes trabalhadoras se defrontam estes podem aperceber os seus reais problemas, é também verdade que só através de uma reflexão científica sobre esses mesmos problemas, estes contactos podem resultar efectivamente, por um lado, num conhecimento efectivo da realidade, e por outro lado no apoio consciente à luta das classes trabalhadoras pela sua emancipação.

- NAO AO SERVIÇO CIVICO
- SIM A ENTRADA IMEDIATA DOS ESTUDANTES
- POR UM ALINHAMENTO EFECTIVO COM A LUTA DOS TRABALHADORES CONTRA A EXPLORAÇÃO E PELO SOCIALISMO

NUCLEOS ESTUDANTIS DE INTERVENÇÃO POLITICA



# **SERVIÇO** o quê? **CÍVICO** ao serviço de quem?

**. NÃO ao serviço cívico** *do M.E.C.*

**. SIM à entrada dos estudantes**

**. Por um alinhamento efectivo  
com a luta dos trabalhadores  
contra a exploração e  
pelo SOCIALISMO**

**n.e.i.p.**